REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 324

21 DE DEZEMBRO 1887

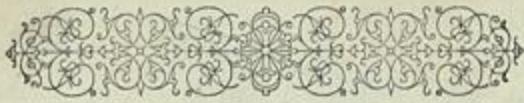
REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

SADI CARNOT NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

(Segundo uma photographia de Ladrey)

CHRONICA OCCIDENTAL

No dia 14 do corrente ao entardecer, Lisboa foi surprehendida pelo pregão lugubre d'uma immensidade de garotos, que corriam as ruas da baixa e os pontos mais centraes da cidade, gritando ruidosamente, com uma grande azafama alviçareira:

«Quem quer o supplemento á morte da princeza!»

Este grito sinistro fazia parar toda a gente, e o supplemento vendia-se como canella, que era o que os rapazes queriam e o que porventura queriam as pessoas que lhe tinham ensinado o recado e incumbido a venda do tal supplemento.

Felizmente a leitura d'esse supplemento desmanchava logo o sobresalto que o seu pregão causára, e o comprador não pensava em protestar, porque o caso era dos taes em que a gente se sente feliz em ser burlada, e ao mesmo tempo, porque o tal supplemento sempre trazia uma novidade de sensação, que de muito poucas pessoas era ainda sabida.

Sua alteza real a princeza D. Amelia déra á luz na manhã d'esse dia, uma menina, que tivera apenas duas horas de vida, e era o fallecimento da pequenina infanta que o supplemento noticiava.

Entretanto parece-nos que a policia devia intervir e intervir seriamente n'esta especulação grosseira, que se faz por ahi com os supplementos á ultima hora, quando se dá algum facto importante.

É verdade que a toda a gente assiste o direito de publicar uma folha avulsa com noticias, e de a mandar vender pelas ruas, mas do que não ha o direito é de alterar a indole da noticia para armar á venda, de alterar o titulo do supplemento para illudir o publico.

Ha uns tempos a esta parte, é costume quando se dá qualquer acontecimento que sae um bocadinho do vulgar, apparecer pelas ruas um bando de rapazes, apregoando em altos berros uns supplementos a uns jornaes que não existem, e cujo nome se parece singularmente com o dos jornaes em voga, a ponto de illudir a boa fé da maioria do publico.

Já muitas vezes a imprensa se tem queixado d'este abuso, mas tem-se queixado em vão, porque até agora a policia ainda não deu um passo para o reprimir.

D'esta vez o abuso foi *correcto e augmentado*, não se limitou ao titulo do jornal, foi até a desfigurar completamente a noticia.

E a policia deixou, e os garotos atroaram toda a cidade com os gritos de *Supplemento á morte da princeza.*

Ora mesmo que a creança fallecida tivesse o titulo de princeza, era evidente que na maneira de apregoar o jornal, n'aquelle *da* havia má fé; mas nem sequer era isso: a filha dos duques de Bragança, cuja morte se noticiava, não era princeza, era infanta, e portanto no pregão dos vendedores do supplemento, estava bem evidente a intenção de burlar o comprador.

Esse pregão era uma esperteza velhaca e criminosa dos garotos que o gritavam? Fôra-lhes ensinado por outrem? Não sabemos, mas á policia competia investigar, providenciar e punir aquelle ou aquelles de quem a culpa fosse.

A noticia do nascimento e da morte da infanta causou profunda sensação em Lisboa, porque era perfeitamente inesperada.

Tanto se esperára pelo principe da Beira, quão pouco se pensava agora no nascimento do segundo filho do principe real.

Effectivamente o parto foi prematuro e a creança nasceu ao setimo mez, um facto que não é muito vulgar e que determina sempre no individuo nascido pouca robustez e ordinariamente pouca vitalidade.

E mesmo no paço ninguem esperava que estivesse tão proxima a hora da *delivrance* da princeza D. Amelia.

Seu marido o principe D. Carlos viera na vespera a Lisboa e regressára á noite muito descansadamente para Villa Viçosa.

Quando lá chegou encontrou já sua esposa encommodada e d'ahi a horas a princeza D. Amelia dava á luz uma menina que foi logo baptisada com o nome de Maria.

Duas horas depois de ter aberto os olhos á luz do sol, fechava-os para sempre a mallograda infanta, para quem a vida foi apenas uma rapida passagem entre o nada de hontem e o nada de amanhã.

Apenas teve noticia do acontecimento, Sua Magestade a Rainha partiu immediatamente para Villa Viçosa, para onde tambem seguiu o sr. ministro da justiça afim de lavrar os competentes autos de nascimento e obito da infanta portugueza.

Uma coincidencia: a filha dos duques de Bragança nasceu e morreu no dia em que fazia dois annos que tinha fallecido o seu bisavô paterno el-rei D. Fernando.

O enterro da pequenina infanta realisou-se no dia 17, com a pompa do estylo.

O cadaver foi embalsamado em Villa Viçosa pelo illustre medico o dr. Ravara, coadjuvado pelo pharmaceutico da casa real o sr. Tedeschi.

No dia 17 de manhã partiu um coche de Villa Viçosa até Extremoz, d'onde seguiu para Lisboa n'uma carruagem do caminho de ferro transformada em camara ardente.

Na estação do Barreiro o feretro era esperado pelo ministerio e pessoal da côrte, que o acompanharam até Lisboa. O prestito funebre partiu do Terreiro do Paço depois das tres horas, para S. Vicente, onde foi recebido á porta pelo sr. Patriarcha com as solemnidades do estylo.

O coche onde ia o cadaver da filhinha dos duques de Bragança ia todo cheio de flores; e sobre o caixão viam-se quatro formosas corôas: uma d'El-Rei e da Rainha, outra do principe D. Carlos, outra da princeza D. Amelia, e outra dos infantes D. Affonso e D. Augusto.

Entretanto, apesar de no dia 15 ser o segundo anniversario da morte do pae do rei de Portugal, e ao mesmo tempo de n'esse dia morrer a sua neta, não houve feriado nas secretarias nem prohibição de espectaculos publicos, sendo apenas o theatro de D. Maria II o unico que não deu espectaculo.

No theatro de S. Carlos, theatro que tem o nome de *real*, houve espectaculo e ate espectaculo extraordinario, uma verdadeira recita de gala, pois foi a primeira recita da celebre cantora Adelina Patti.

O theatro teve uma enchente enorme, mas a famosa diva não causou o enthusiasmo colossal que causou ha dois annos; e se no fim do espectaculo teve uma ruidosa ovação, foi ella devida em grande parte aos signaes de desagrado que alguns espectadores, menos respeitosos de celebridades universalmente consagradas, não quizeram reprimir.

Nós não podémos assistir a essa recita, e, portanto, escrevemos sem ainda termos ouvido d'esta vez a famosa cantora, entretanto não nos surprehendeu muito essa frieza com que Patti foi acolhida.

E não nos surprehendeu porque já a esperavamos.

A Patti appareceu este anno ao publico de Lisboa em circunstancias menos felizes que as de ha dois annos.

As suas recitas vem logo em cima das recitas da Emma Nevada cujo *successo* em Lisboa foi enorme, indo sempre n'um *crescendo* que na ultima noute chegou a verdadeiro delirio.

Ora Emma Nevada é uma cantora do mesmo genero da Patti, o reportorio d'ambas é o mesmo, e a Patti vem cantar em S. Carlos algumas das operas que noutes antes foram ali cantadas, e excellentemente, pela illustre cantora Americana.

Não pensamos de modo algum em fazer confrontos e em antepor Emma Nevada a Adelina Patti.

A Patti é uma celebridade consagrada e possue uma voz verdadeiramente excepcional, voz que lhe valeu a reputação universal, de que goza ha mais de vinte annos.

Emma Nevada não possuindo a magnifica voz da Patti, tem uma *virtuosidade* verdadeiramente notabillissima, e está ainda no alvorescer da sua carreira.

Se ella tivesse apparecido mais cedo no mundo lyrico, se a Patti tivesse apparecido mais tarde, se entre a qualidade da voz das duas artistas não houvesse que hesitar, entre a *virtuosidade* das duas haveria com certeza contestações.

Evidentemente a gloria de Emma Nevada hoje não faz de modo algum empallidecer a gloria da Patti, uma é um astro que se levanta, outra é uma gloria solidamente consagrada pelo mundo inteiro; mas um publico que ouviu hontem cantar excellentemente a *Traviata*, a *Lucia* e a *Dinorah* pelos preços habituaes do theatro, e que hoje paga tres ou quatro vezes esse preço, para ouvir cantar essas mesmas operas, tem todo o direito a ser exigente, e a mostrar-se um pouco despeitado, quando a differença de execução não corresponde perfeitamente á differença do preço.

Além d'isso, nós não ouvimos a Patti cantar este anno a *Traviata*, mas uma artista muito illustre, que é uma das mais enthusiasticas admiradoras da celebre diva e que a ouviu n'essa noite, disse-nos que a tinha desconhecido, e que evidentemente a Patti n'essa noite estava ou doente ou preoccupada e que foi muito inferior a si propria.

Juntem estas razões todas e está explicada a frieza do publico na primeira noite da Patti, do mesmo modo que os intempestivos signaes de desagrado explicam a ovação que a maioria do publico fez á grande cantora.

A chronica vae longa, e pouco espaço nos resta para fallarmos da opera nova que nos deu no dia 18 o theatro de S. Carlos, a opera *d'obligo* da presente epoca, o *Romeu e Julietta* de Gounod.

E ainda bem que temos pouco espaço, porque pouco podemos dizer d'essa opera que conhecemos apenas por uma unica audição.

Uma opera genuinamente italiana, uma obra toda melodica, póde ficar-se conhecendo n'uma simples representação; uma opera fraceza, opera moderna, não se póde apreciar assim tão facilmente.

Que no *Romeu e Julietta* não ha esse talento enorme, essa inspiração magnifica que desde a primeira noite consagraram entre nós a *Carmen* de Bizet e o *Fausto* do mesmo Gounod, isso evidenceia-se immediatamente.

O *Romeu e Julietta* foi ouvido com attenção, applaudido aqui e alli n'uns trechos mais salientemente bellos, mas em geral o publico ouviu-o sem enthusiasmo, e por vezes com um bocado de fadiga.

Cremos que essa fadiga passará nas seguintes audições, á proporção que se for comprehendendo todas as bellezas delicadas da partitura, todos os finos lavores d'arte, que ha na instrumentação, e em que Gounod é mestre consummado.

Na proxima chronica fallaremos mais minuciosamente do *Romeu e Julietta*, e do seu desempenho em S. Carlos, desempenho em que podemos desde já registar o magistral trabalho da Theodorini, que é assombrosa de talento e de primorosa arte no personagem de *Julietta;* e de Talazac que tem no papel de *Romeu* uma das suas mais brilhantes corôas.

Este numero do OCCIDENTE é o ultimo d'este anno, é o numero que sae proximo do Natal, o tempo das broas e das *etrennes*, e por isso julgamos fazer um bom serviço aos nossos leitores, indicando-lhe um livro delicioso, um livro encantador, muito novo e muito pouco conhecido ainda entre nós e que é uma magnifica *etrenne.*

Esse livro chama-se *As descobertas de Juca*, é escripto por Pinheiro Chagas, publicado pela casa Aillaud, de Paris, e magnificamente illustrado com explendidas gravuras.

É uma edição de luxo, d'um livro interessantissimo, escripto em portuguez, e escripto por um dos mais illustres escriptores da nossa terra.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

VIII

A familia real chegou a Guimarães pouco depois do meio dia e o acolhimento que alli lhe foi feito ultrapassou tudo quanto havia a esperar dos sentimentos patrioticos do velho berço da monarchia.

Nas ruas havia embandeiramentos vistosissimos, erguendo se em muitas d'ellas coretos para as musicas, e á entrada da de S. Damaso ostentava-se um grandioso arco triumphal, pintado pelo scenographo Lima, com versos dos «Luziadas.»

Além d'isso todas as casas tinham as janellas ornadas com variegadas colgaduras.

A entrada dos monarchas na cidade foi saudada com repiques de sinos, innumeras girandolas de foguetes, o hymno nacional tocado por doze philarmonicas e salvas de morteiros.

No precurso até á igreja da Senhora da Oliveira, a familia real foi constantemente acclamada pela enorme multidão que se apinhava nas ruas, chovendo além d'isso sobre a carruagem nuvens de flores e *bouquets* arremessados das janellas, sendo tambem lançados pombos.

O templo da Oliveira estava ricamente ornamentado e ao entrarem n'elle as pessoas reaes, que foram recebidas debaixo do pallio, dous individuos tiraram os casacos e estenderam-os no solo para os augustos personagens passarem sobre elles.

Depois do *Te-Deum* acompanhado a grande orchestra, os monarchas e os principes foram examinar as preciosidades que se guardam no thezouro da Collegiada e em seguida dirigiram-se para o palacete do sr. conde de Margaride, onde foram recebidos pela sr.ª condessa e filhos e por outras senhoras da primeira sociedade vimaranense, bem como por quatorze raparigas vestidas á moda do Minho, que espalhavam flores e cantavam versos allusivos ás pessoas reaes.

Dentro do atrio, as senhoras offereceram á rainha e princeza D. Amelia preciosos *bouquets* artificiaes com esplendidas fitas, e pombas de estimação.

O palacete do nobre titular achava-se decorado e mobilado com extraordinaria magnificencia.

A familia real, depois de descançar alguns momentos, recebeu os cumprimentos da camara municipal, authoridades e corporações, sendo n'essa occasião entregue a Sua Magestade a rainha, pela professora da eschola official das Caldas de Vizella, uma allocução pedindo-lhe para proteger a mesma eschola.

Terminada a recepção, a familia real dirigiu-se para o campo de S. Francisco a fim de inaugurar a estatua de D. Affonso Henriques, sendo durante o transito enthusiasticamente victoriada.

Entrando no elegante pavilhão que se destacava defronte do monumento, procedeu-se ao acto inaugural, descerrando el-rei e o conde de Margaride a bandeira nacional que cobria a estatua, obra magnifica do insigne esculptor portuense Soares dos Reis. (1)

Ergueram-se então vivas clamorosos, os foguetes estrondearam com profusão e as musicas executaram o hymno nacional.

Ao passo que se procedia a esta ceremonia, chegava ao campo de S. Francisco o cortejo civico que se organisára no largo da Oliveira e no qual tomavam parte todas as corporações litterarias e artisticas da cidade, bem como as juntas de parochia, associação commercial, associações de soccorros mutuos, alumnos das escholas, camaras de fóra do concelho, commissão promotora do monumento, diversas authoridades, membros da imprensa, etc.

Algumas das corporações, e especialmente as de operarios, levavam bandeiras, que abatiam ao desfilar por diante do pavilhão, encorporando-se igualmente no prestito as bandas marciaes.

A familia real mostrava-se commovida perante a imponencia do cortejo civico e das acclamações com que cada collectividade a saudava ao passar, e que eram correspondidas pelo povo que enchia completamente o campo.

Ao descerrar-se a estatua, el-rei, adiantando-se para o extremo do pavilhão, proferiu em voz alta e enthusiastica as seguintes palavras:

«A erecção da estatua ao homem que fez Portugal é o saldo honroso de uma divida paga, embora tardiamente, depois de sete seculos, por um povo brioso. N'este dia solemnissimo, outra festa se commemora: a festa do trabalho e do progresso; mas por isso mesmo mais realce dá á commemoração do rei cavalleiro, que proclamou e fundou com a fé e com a espada a independencia nacional.

«O povo portuguez, representado pelos habitantes de Guimarães, paga esta divida ao grande rei significando ao mesmo tempo que, se no peito dos portuguezes d'aquellas eras e nas veias d'aquelle rei valente e corajoso, corria o sangue de bons e verdadeiros portuguezes, tambem no peito e nas veias dos portuguezes de hoje estua o sangue dos valorosos que sabem manter e defender a honra e a independencia nacional».

Este discurso patriotico arrancou as mais delirantes ovações, sendo difficil traduzir o que então se passou n'aquella massa enorme de povo, que como que electrisada, fez uma das mais calorosas manifestações aos monarchas.

Nunca se presenceára um espectaculo similhante.

Duas meninas elegantemente vestidas, subiram ao pavilhão e entregaram á rainha um lindissimo *bouquet* e um exemplar do numero unico publicado em commemoração da solemnidade que acabava de realisar-se.

Assignado o auto da inauguração, a familia real, sob continuos vivas, flores e pombas, dirigiu-se para a casa da sociedade Martins Sarmento, que visitou, examinando com curiosidade especial, a collecção numismatica e o muzeu archeologico.

A direcção d'aquelle florescente gremio, manifestaram as pessoas reaes o seu louvor pela iniciativa e pelos serviços já importantes prestados por elle á instrucção e á archeologia nacional.

D'alli Suas Magestades e Altezas seguiram para o Campo do Proposto, onde se procedeu ao lançamento da primeira pedra do edificio para a eschola profissional de cutilaria e tecelagem.

Havia n'aquelle local um pavilhão forrado de seda azul e branca onde tomaram logar as pessoas reaes, authoridades, conselheiro Madeira Pinto, inspector das escholas industriaes, diversas damas e outras pessoas.

Na cavidade da pedra angular foi encerrado um rico cofre de prata cinzelada, contendo todas as especies de moedas cunhadas no reinado do sr. D. Luiz.

Sua Magestade collocou a referida pedra, que tinha a seguinte inscripção: «Sua Magestade el-rei D. Luiz I, no dia 20 de outubro de 1887 collocou a pedra fundamental da Eschola Industrial «Francisco de Hollanda».

O sr. conde de Margaride, presidente da camara, proferiu por essa occasião um discurso adequado, ao qual Sua Magestade respondeu que se honrava de assistir a tão grandiosa festa do trabalho.

Terminada a ceremonia, a familia real encaminhou-se para o palacete do sr. conde de Margaride, onde foi servido o jantar, para o qual haviam sido apenas convidadas as principaes authoridades, incluindo o sr. governador civil de Braga e alguns titulares.

Ao mesmo tempo era offerecido pela commissão dos festejos, á imprensa, um banquete na sala da eschola do Asylo de Santa Estephania, presidindo o sr. ministro das obras publicas.

O banquete foi de 100 talheres assistindo a elle além dos jornalistas de Lisboa, Porto, Braga e Guimarães, os srs. par do reino Vasco Leão, deputados Guimarães Pedroza e capitão Machado, conde da Azenha, visconde da Torre, Madeira Pinto, Parada Leitão, Soares dos Reis e outras pessoas.

O sr. conselheiro Emygdio Navarro ergueu o primeiro brinde á cidade de Guimarães, berço de sua mãe, seguindo-se outros que foram fechados pelo mesmo ministro, que relembrou que o estabelecimento das escholas industriaes se devia á iniciativa do fallecido conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

Durante o banquete um alumno da eschola «Francisco de Hollanda» leu um discurso dirigido ao sr. conselheiro Emygdio Navarro, offerecendo-lhe em nome dos outros alumnos uma penna de ouro encerrada em um elegante estojo.

A' noute a familia real andou a ver as illuminações que eram vistosissimas, especialmente na praça do Toural e no monte da Penha, onde ardiam numerosas barricas de alcatrão, o que produzia um effeito maravilhoso, e ás nove horas e meia regressou a Braga, sendo acompanhada até fóra da cidade pelas authoridades e corporações que a tinham ido esperar, por grande numero de populares com archotes e pelas musicas.

Antes de partir, el-rei entregou ao sr. administrador do concelho 300$000 reis para serem distribuidos pelos pobres da cidade.

Fora tal a quantidade de povo que affluira a Guimarães, do Porto e de outras localidades para presencear os festejos, que mais de 1:000 pessoas tiveram de ficar nas ruas por não haver logares nos hoteis.

A familia real chegou a Braga perto da meia noute e apesar d'esta hora adiantada, em S. João da Ponte era aguardada por centenares de pessoas com balões venezianos e uma philarmonica.

As ruas do transito estavam illuminadas e principalmente no largo da Lapa, as illuminações eram profusas, parando alli Suas Magestades e Altezas para as ver. Tambem tocava no local uma musica. O povo reunido em grande quantidade victoriou os reaes viajantes, que tinham sido acompanhados de Guimarães, por mais de 60 carruagens. Seguiram para o Bom Jesus onde o elevador estava igualmente illuminado.

Durante a permanencia dos monarchas em Guimarães, foram-lhe feitas varias offertas, taes como umas bellas thesouras alli fabricadas, quatro banquinhos estofados a seda e uma porção de doce enviado pelas freiras de Santa Clara.

Os dias 21, 22, 23 e 24, passaram-os as pessoas reaes distrahindo-se quer em passeios, quer em caçadas no monte do Lameiro, quer desenhando diversos pontos de vista.

O sr. administrador de Terras do Bouro offereceu ao principe D. Carlos diversas amostras de crystaes encontrados no Gerez, havendo entre elles um crystal preto de muito merecimento. Além d'isso apresentou a planta de uma fabrica de vidros que fôra estabelecida em S. João do Campo e Villarinho, em 1780 e que foi destruida no tempo da invazão franceza, bem como algumas cabeças de gamos e veados caçados no Gerez para mostrar que esses animaes eram um tanto differentes dos que existem em Villa Viçosa.

Alguns caçadores foram ao Bom Jesus offerecer á familia real duas corças abatidas no Gerez, brindando el-rei com uma o sr. governador civil de Braga, e com outra o sr. general Malaquias de Lemos.

O sr. Pires Franco, proprietario de uma fabrica de moveis em Vianna, presenteou tambem Sua Magestade a rainha com uma pequena meza redonda, fabricada artisticamente com diversas madeiras, e entregou igualmente á augusta princeza uma colcha feita por uma cega da freguezia de Seixas, conselho de Caminha.

O photographo bracarense o sr. Cesar Lima foi ao Bom Jesus tirar ao ar livre os retratos de Suas Magestades e Altezas, tirando tambem por essa occasião o principe real algumas photographias.

No dia 25, antes do almoço a sr.ª D. Maria Pia, andou a passear a cavallo pela cidade, acompanhada dos srs. infante D. Affonso e D. Antonio Paraty, e de tarde a familia real começou por visitar a igreja do Carmo, onde estava uma phylarmonica, vendo-se á entrada do templo duas creanças vestidas de anjos, espargindo flôres.

As pessoas reaes depois de uma curta oração, viram a sepultura de frei João de Neiva, tido por santo pelo povo de Braga, e entraram na casa onde se guardam as offertas feitas ao finado religioso. Os srs. duques de Bragança acceitaram os diplomas de irmãos da confraria do Carmo.

D'alli as pessoas reaes seguiram para a fabrica de sedas do sr. José Joaquim de Oliveira, onde se viam expostos além de varios artefactos, uma rica cazula tecida a ouro, destinada ao Papa Leão XIII, e uma preciosa colcha de téla de ouro fino, encerrada em uma caixa de mogno, que o referido industrial offereceu á rainha para o berço do principe da Beira.

Defronte da fabrica, onde se agglomerava muito povo, tocava uma phylarmonica, sendo erguidos estrepitosos vivas tanto á entrada como á sahida da familia real.

Esta dirigiu-se depois para a igreja de S. Marcos, visitando em seguida o hospital, onde viram todas as enfermarias e a cosinha, examinando as comidas das quaes el-rei provou. A sr. D. Maria Pia, com a sua costumada bondade acercou-se dos leitos dos enfermos, dirigindo a estes palavras de consolação e conforto.

A sahida, as duas superioras das irmãs da caridade que servem no hospital, ajoelharam e offereceram á rainha um *bouquet*, sendo-lhe entregue outro pelo provedor da casa o sr. José Ferreira Magalhães.

Do hospital, as pessoas reaes encaminharam-se para a fabrica de sedas do sr. José da Silva Pereira de Vasconcellos, onde viram funccionar os theares de seda, setim, velludo e gallões de seda, achando-se expostas varias peças d'estes tecidos bem como um opulento palio destinado á igreja de S. Lazaro.

El-rei dirigindo palavras de louvor ao sr. Silva Pereira, prometteu agraciar o mestre da fabrica, como o havia já feito tambem ao sr. Oliveira, proprietario da outra fabrica.

Por ultimo Suas Magestades e Altezas visitaram o conservatorio das orphãs da Tamanca, onde eram aguardadas pela meza administrativa e por diversas familias distinctas.

A familia real percorreu todo o edificio e na sala dos lavores as educandas, em numero de dezeseis, cantaram com acompanhamento de orgão um hymno dedicado a Sua Magestade a rainha.

Uma das orphãs offereceu á augusta princeza um serviço de cama completo, bordado a azul e branco, e outra entregou tambem para a princeza D. Amelia um bonito lenço bordado a retalho.

Suas Magestades agradeceram estes brindes, elogiando ao mesmo tempo o aceio e boa ordem d'aquelle estabelecimento de beneficencia.

Emquanto a familia real procedia a estas visitas, a princeza D. Amelia fôra tambem visitar o templo da Sé, onde era aguardada pelo sr. arcebispo e por outros ecclesiasticos. Depois de vêr o templo entrou na sachristia, examinando as ricas alfaias e reliquias que alli se guardam.

Era noute quando a familia real regressou ao Bom Jesus.

O sr. Martins Ribeiro, dono do hotel Universal do Gerez, mandou alli offerecer a Suas Magestades um grande veado e uma corça, mortos n'aquella serra.

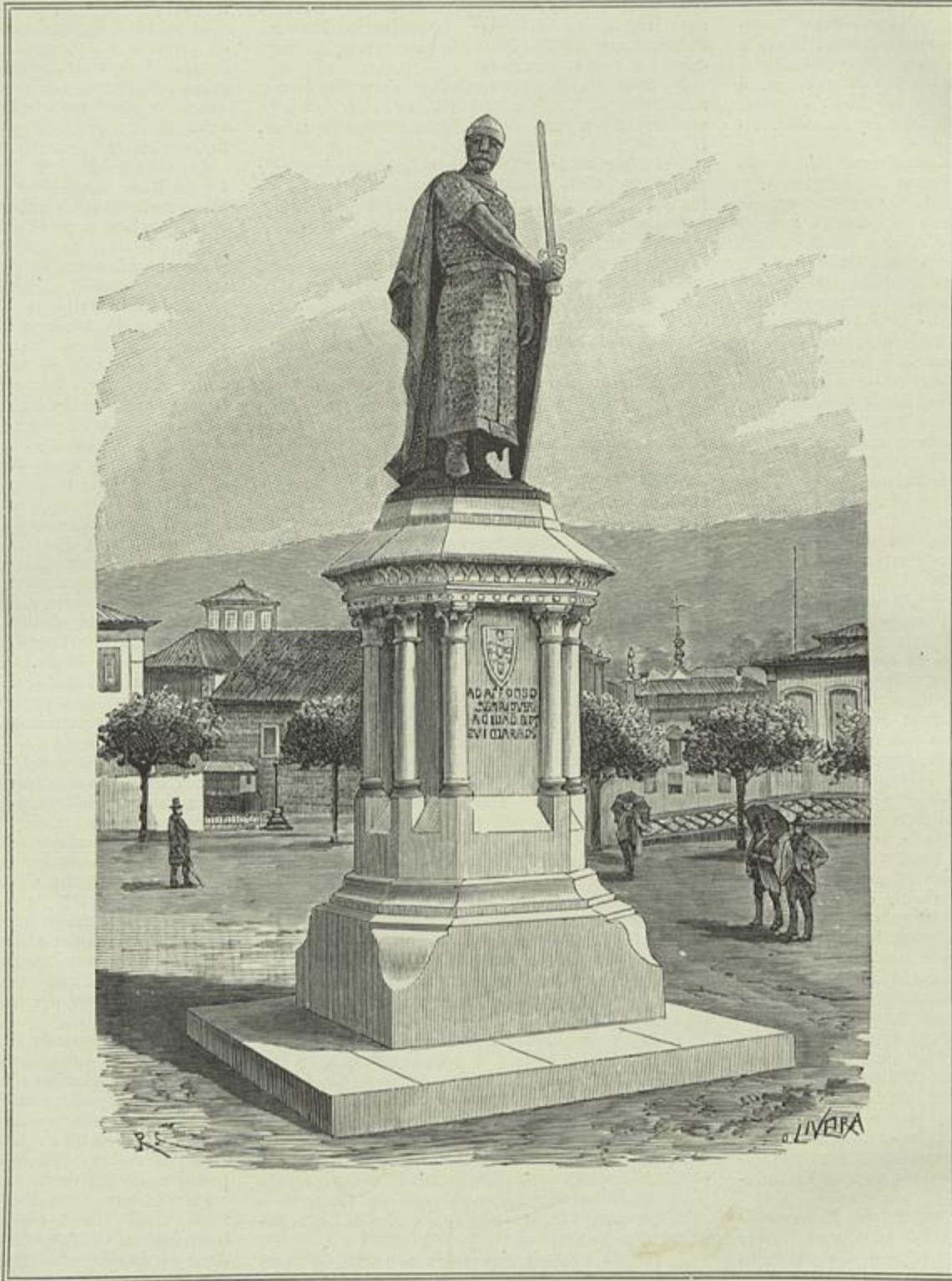
O veado era um exemplar magnifico.

(1) Vid. OCCIDENTE vol. VIII pag. 281 a 282 e o presente vol. pag. 57 a 59.

Os dias 26 e 27, passou-os a familia real em distracções pelo Bom Jesus e arredores, indo o principe real para os lados de S. Pedro d'Este á caça das perdizes em companhia do sr. Albano Teixeira Leite, que para esse fim veiu expressamente da Povoa de Varzim onde estava a banhos.

Entre outros brindes feitos á familia real n'estes ultimos dias, o armador de Braga, o sr. José Pereira da Cunha offereceu á sr.ª D. Maria Pia, que se encontrava a sr.ª D. Maria Joanna de Alpoim Souza e Menezes, solteira, de 82 annos de idade e albergada no Recolhimento da Caridade. A referida senhora é representante, por sangue, de Vasco Pires de Camões, vindo para Portugal, da Galliza, no reinado de D. Fernando e portanto descendente da familia do nosso grande épico. El-rei, com a sua costumada magnanimidade, estabeleceu á illustre dama uma pensão vitalicia de 12$000 réis mensaes. ao musico de infanteria 8, Delfim Teixeira, mandou dar-lhe 40$500 para comprar um cornetim.

No dia 28, cerca das 6 horas e meia da manhã, a familia real sahiu do Bom Jesus, em direcção á estação do caminho de ferro, a fim de regressar a Lisboa.

Pelas ruas do transito, as janellas estavam ornadas de colgaduras, e de muitas d'ellas jorravam sobre a carruagem real nuvens de flores, ao

MONUMENTO DE D. AFFONSO HENRIQUES, EM GUIMARÃES — Inaugurado em 20 de outubro de 1887

Vidè artigo «A Familia Real no Norte do Reino»

(Segundo uma phototypia)

com destino ao seu augusto neto, uma rica colcha de setim branco, bordada a ouro; o sr. Joaquim da Costa Rebello, thesoureiro pagador do districto de Braga, offertou ao principe real uma pelle de cabrito, de 11 annos, caçado no Gerez; e o industrial o sr. Silva Taxa, offereceu a el-rei e aos principes, chapeus e colletes de feltro feitos na sua fabrica, sendo tambem brindados com chapeus os srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas.

O distincto archeologo o sr. Pereira Caldas, em uma longa conversação litteraria que teve com el-rei, aproveitou o ensejo para lembrar a Sua Magestade as precarias circumstancias em

Sua Magestade a rainha brindou as damas e cavalheiros da comitiva regia com valiosos objectos de arte, taes como taças de prata e colchas antigas.

El-rei, antes de se retirar do Bom Jesus, entregou ao sr. governador civil 600$000 réis para distribuir pelos pobres e estabelecimentos pios de Braga, dando tambem a sr.ª D. Maria Pia para o mesmo fim 250$000 réis. Além d'isso, el-rei D. Luiz mandou dar uma esmola de 100$000 réis ao Bom Jesus do Monte, e gratificou com diversas quantias algumas pessoas que tinham feito offertas á familia real.

O principe real, como demonstração de apreço

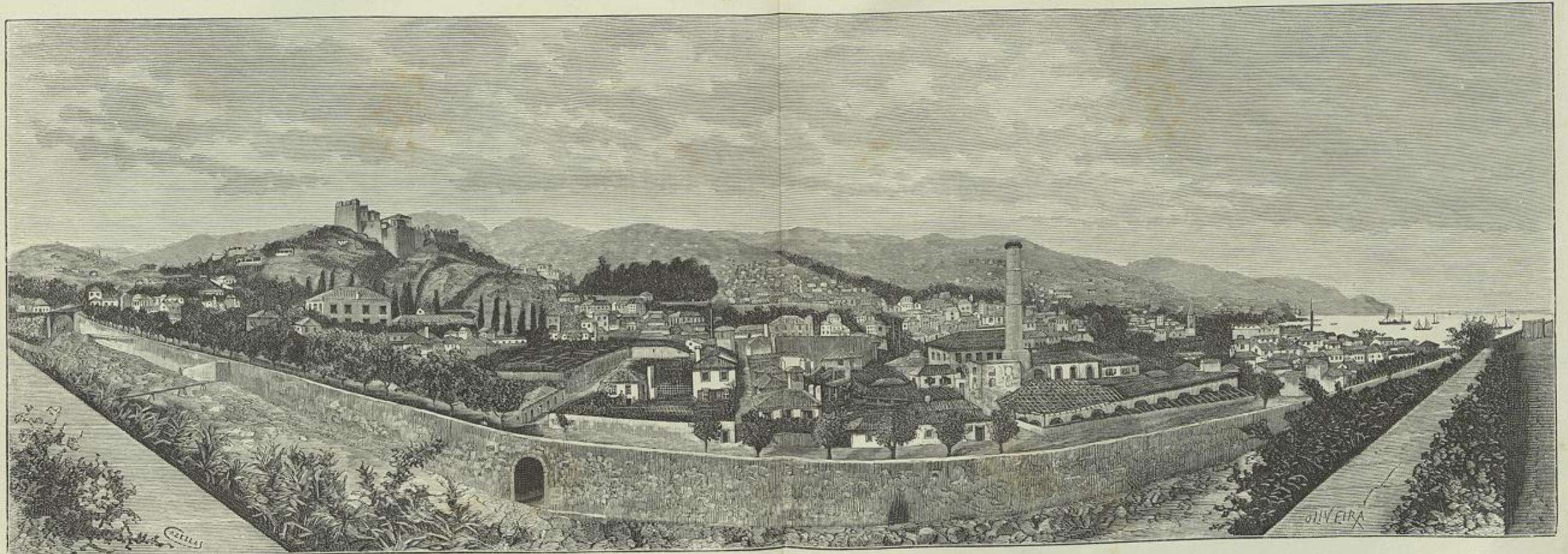
mesmo tempo que as senhoras agitavam lenços brancos em signal de despedida.

Á estação concorreram o sr. arcebispo primaz, ministro da guerra, todas as authoridades e corporações de Braga, os operarios da fabrica Taxa, creanças de diversos asylos, grande numero de senhoras e immenso povo.

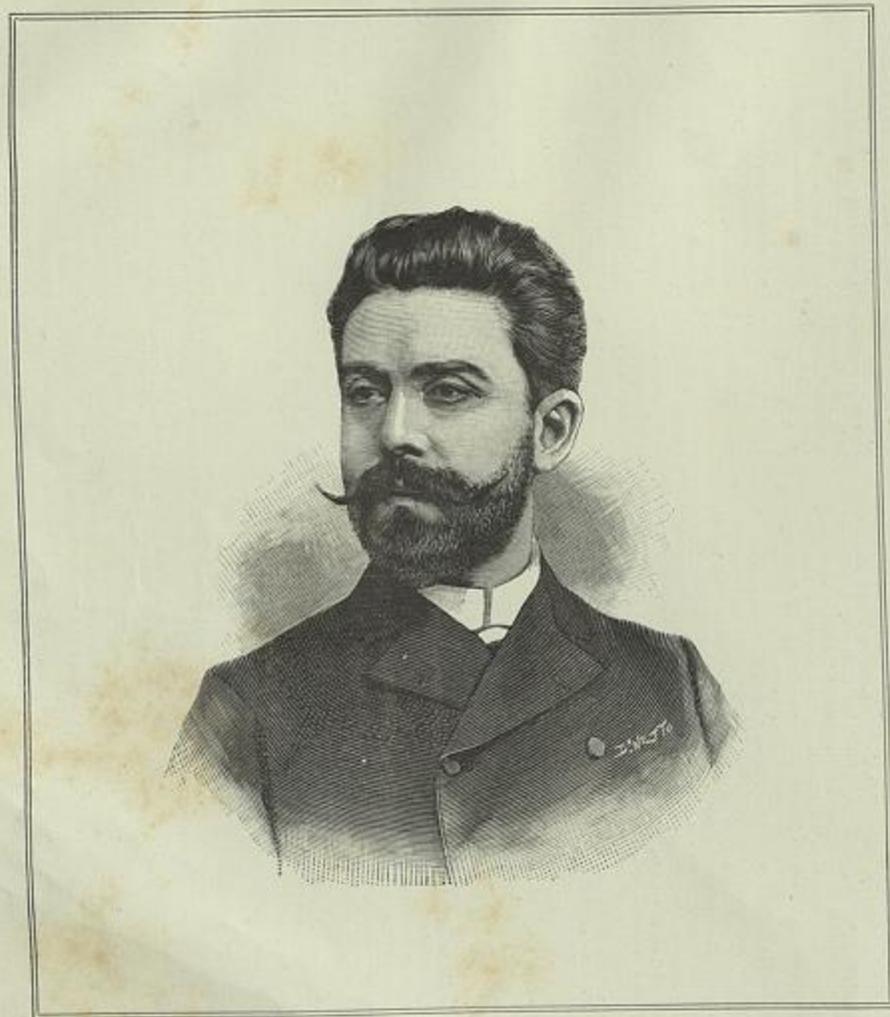
As despedidas foram muito affectuosas, erguendo-se á partida do comboyo calorosos vivas, que as pessoas reaes agradeciam commovidas. Ao mesmo tempo que atroavam as acclamações, de muitos olhos deslisavam-se lagrimas de saudade.

Eram 7 horas e meia quando o comboyo se poz em marcha.

SUPPLEMENTO AO N.º 324 DO OCCIDENTE

21 DE DEZEMBRO DE 1887

ILHA DA MADEIRA — PANORAMA DA CIDADE DO FUNCHAL

(Segundo uma photographia)

REAL THEATRO DE S. CARLOS

O TENOR ANTONIO DE ANDRADE

O BARYTONO FRANCISCO DE ANDRADE

(Segundo photographias de R. Thiele, de Moscow)

Na estação da Trofa estava preparada uma brilhante ovação á familia real. Por convite da Associação Commercial de Guimarães, concorreram alli todas as authoridades e representantes das corporações litterarias e artisticas d'aquella cidade, bem como diversas damas vimaranenses, entre ellas a familia do sr. conde de Margaride.

Como tambem alli estivesse o illustre archeologo o sr. dr. Martins Sarmento, el-rei, dirigindo-se-lhe disse que sentira não o ter visto em Guimarães, pois muito desejára conversar com elle.

A familia real depois de receber os comprimentos de despedida, seguiu para o Porto, no meio das mais delirantes acclamações e aos sons do hymno nacional executado por uma philarmonica.

No Porto eram Suas Magestades e Altezas aguardados pelo sr. cardeal D. Americo, camara municipal, Associação Commercial, corpo consular, pares do reino e deputados residentes n'esta cidade, todas as authoridades civis e militares, titulares, operarios de algumas fabricas e varias damas da primeira sociedade portuense.

A sr.ª D. Maria Henriqueta de Viterbo, a gentil Rosina, do *Barbeiro de Sevilha*, offereceu á sr.ª D. Maria Pia o seu retrato com o costume d'quella opera, encerrado em uma elegante pasta de pelucia.

Depois de recebidos os comprimentos, as pessoas reaes foram saudadas com vivas erguidos pelo sr. presidente da camara e por outros cavalheiros, erguendo-se tambem do grupo das senhoras, saudações ao principesinho da Beira, a que elle correspondia com as suas pequeninas mãos.

O comboyo partiu no meio de unanimes acclamações e durante o precurso até a Aveiro, Suas Magestades e Altezas foram victoriadas nas estações da Granja, Espinho, Esmoriz e Estarreja, onde tiveram pequenas paragens.

A recepção em Aveiro foi brilhante e enthusiastica. Na estação esperavam a familia real os srs. bispo-conde de Coimbra, bispo de Evora, conselheiro Lopo Vaz, deputados do districto, drs. Correia Leal, Simões dos Reis, Albano de Mello, Barbosa de Magalhães, Mattoso Côrte Real e Almeida e Brito, authoridades e corporações de Aveiro, representantes das camaras municipaes de diversos concelhos, condes da Borralha e de Beirós, viscondes da Aguieira, Foz de Arouca e Valdoeiro, diversas damas e muito povo.

Entrando na sala da estação, guarnecida de damascos carmezim e amarello, onde estavam quatro creanças vestidas de anjos deitando flores, a familia real recebeu os comprimentos officiaes, sendo-lhe lida uma allocução pelo sr. presidente da camara.

Depois d'isso Suas Magestades e Altezas sahiram por entre alas de povo e de uns 300 estudantes de Coimbra, que haviam obtido feriado, sendo as acclamações unanimes e enthusiasticas.

Tanto proximo da estação como em diversas ruas festivamente ornamentadas, tocavam numerosas philarmonicas, repicando ao mesmo tempo os sinos das torres e estrondeando muitos foguetes.

A princeza D. Amelia com seu augusto filho não se demoraram em Aveiro, seguindo logo para Lisboa.

O cortejo poz-se em marcha, cahindo das janellas jorros de flores sobre a carruagem real.

Suas Magestades e Altezas entraram na igreja de Jesus, onde se celebrou um *Te Deum* e em seguida visitaram o convento da princeza Santa Joanna, onde está estabelecido o collegio da mesma denominação. A familia real foi recebida pelas directoras e educandas, percorrendo todas as dependencias do edificio, incluindo o dormitorio e a sala onde estavam expostos os trabalhos das recolhidas, e visitou o tumulo da santa princeza, bem como a cella onde passou os seus dias.

A sahida do Recolhimento, o povo e os estudantes de Coimbra ergueram muitos vivas á familia real, que se dirigiu para a casa do Gremio Aveirense, preparada para receber os regios hospedes.

A ornamentação interior do edificio era luxuosa, achando-se mobilado e adornado com valiosos objectos pertencentes a diversas familias distinctas.

Depois do almoço as pessoas reaes dirigiram-se para o caes, onde embarcaram em um dos barcos que serve para a conducção de sal na ria e o qual estava decorado com um pavilhão de setineta azul e branca, encimado pela coróa real. Esse barco era rebocado por outro pertencente a uma companhia e tripulado por 30 remadores, todos condecorados com medalhas de prata e dous com medalhas de ouro por serviços humanitarios. A ré ia o sr. Fernando de Vilhena.

A formosa ria apresentava n'esse momento um aspecto encantador pelo grande numero de pequenas embarcações, embandeiradas, que a coalhavam.

Um grupo de formosissimas raparigas de Aveiro, com os seus trages de festa, postadas no caes, tinham lançado flores sobre a familia real, seguindo depois em um barco apoz o de Suas Magestades.

Quando este ultimo se poz em marcha, irromperam estrepitosas acclamações, lançando-se innumeros foguetes e tocando as phylarmonicas. Nas margens estavam filas compactas de povo.

O vistoso cortejo maritimo, formado por uma grande flotilha de barcos seguiu até ao sitio das Duas Aguas, limites da Gafanha, onde o Vouga desagua.

O regresso effectuou-se ás 4 horas e meia da tarde, e ao chegar a flotilha ás Pyramides, o enthusiasmo foi extraordinario, continuando durante o desembarque da familia real, que se mostrára encantada com este delicioso passeio.

Suas Magestades e Altezas foram visitar as obras do magnifico quartel de cavalleria, que se está construindo, e depois recolheram á Casa do Gremio, onde ás 8 horas da noute foi servido o jantar de gala.

Era de 60 talheres e para elle foram convidadas as principaes authoridades de Aveiro, deputados, titulares e outras pessoas consideradas.

A noute houve vistosas illuminações nas ruas do Cojo, José Estevão, Fontes Pereira de Mello, Alfandega, visconde de S. Januario e do Caes e largos do Rocio e municipal.

A ria achava-se igualmente illuminada com profusão desde a tanoaria do sr. João Pedro Soares até ás Pyramides, comprehendendo assim todo o caes.

Os estudantes de Coimbra organisaram uma serenata, dirigida pelo popular academico Jayme de Abreu, tocando durante algum tempo defronte do Gremio Aveirense.

A sr.ª D. Thereza Saldanha offertou a Sua Magestade a rainha, um cofre de filigrana de prata, contendo varias reliquias da princeza Santa Joanna, presente que a sr.ª D. Maria Pia agradeceu com muito reconhecimento.

El-rei deixou 300$000 rs. para os pobres de Aveiro e gratificou com 50$000 rs. a tripulação do barco que o conduziu na ria.

Eram 2 horas da madrugada quando a familia real partiu para Lisboa, indo despedir-se d'ella á estação as authoridades e outras pessoas.

No comboyo real tomaram tambem logar os estudantes da Universidade que tinham ido a Aveiro.

Em Coimbra, apesar da hora em que o comboyo alli passou, aguardavam Suas Magestades os srs. governador civil, reitor da Universidade e outras authoridades.

Finalmente ás 9 horas e um quarto da manhã a familia real portugueza chegava a Lisboa, depois de uma digressão em que teve novo ensejo de reconhecer quanto affecto e quanto respeito lhe tributam os povos, com os quaes mais uma vez esteve em contacto.

A viagem dos monarchas ao norte do paiz foi uma verdadeira marcha triumphal, sentindo-se vibrar sempre na grande alma popular esse sentimento de patriotismo e de dedicação, que é como que uma garantia perduravel da indefessa manutenção da casa reinante e das instituições que nos regem.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

SADI CARNOT

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

Em cumprimento da promessa que fizemos no nosso noticiario do numero antecedente, publicamos hoje o retrato do novo presidente eleito da republica de França.

Maria Francisco Sadi Carnot nasceu em Limoges, a 11 de agosto de 1837, filho primogenito de Lazaro Hypolito Carnot e neto de Sadi Carnot, o celebre convencionado a quem a primeira Republica de França chamou «organisador da victoria.»

Dedicando-se á carreira de engenheiro, principiou os seus estudos no lyceu Bonaparte, onde foi premiado no curso geral e concluiu-os na Escola Polytechnica em 1863, sendo logo nomeado secretario adjuncto do Conselho de Pontes e Calçadas, e depois engenheiro do Estado de Annecy.

Nos ultimos tempos do imperio começou a occupar-se da politica, e quando rebentou a guerra franco-prussiana e se aproximou o advento da Republica, tomou parte activa na organisação da defeza nacional, em tres departamentos, sob as ordens de Freycinet.

Em 17 de janeiro de 1871 foi nomeado pelo governo de Gambetta, perfeito do Sena-Inferior, e n'este mesmo anno foi eleito deputado pela Côte-d'Or, tomando assento na esquerda moderada que reconhecia por chefe a Julio Ferry. Reeleito nas legislaturas successivas, foi nomeado em 26 de agosto de 1878 sub-secretario do ministerio das obras publicas, no gabinete presidido por Dufaure, ultimo governo do marechal Mac-Mahon, e em seguida ministro d'aquella pasta no ministerio Ferry, a qual deixou em novembro de 1881, quando subiu ao poder Gambetta.

Posteriormente fez parte dos gabinetes Ferry e Brisson como ministro da fazenda, e a sua nobre attitude no delicado assumpto Dreyfus sobre os direitos de transmissão, facto que foi calorosamente elogiado em plena camara dos deputados por M. Rouvier, presidente do conselho, e applaudido pela assembléa, valeu-lhe, principalmente, que a opinião publica o indicasse para presidente da Republica, e que a assembléa de Versalles o elegesse em segunda votação successor de Grevy.

Sadi Carnot tomou parte importante e activa nos debates parlamentares relativos a obras publicas, de caminhos de ferro, e outros melhoramentos materiaes, fazendo por vezes parte de commissões de parecer etc.

Apezar de todos os serviços prestados por Sadi Carnot á causa publica do seu paiz, é certo que o seu nome não era dos mais conhecidos nem dos que fizessem esperar a sua elevação ao primeiro logar da Republica, o que apenas mostra que elle vivia apartado do reclame com que muitos procuram popularisarem-se.

Se Sadi Carnot fôr infeliz no seu governo, não o poderão accusar de ambicioso nem de se ter imposto á nação; esta é que o foi buscar confiada na sua modestia e insenção como o verdadeiro moderador no meio da agitação dos partidos.

A imprensa franceza tem, em geral, recebido bem o novo presidente da Republica, rendendo-lhe os mais levantados elogios, entre os quaes citaremos as palavras de um jornal que diz: «A eleição presidencial de Sadi Carnot, homem de honradez immaculada, de proverbial integridade, é uma nobre aspiração a esquecer com profundo desdem os ultimos tempos da presidencia Grévy-Wilson, e a readquirir para as instituições republicanas o antigo, mas um pouco inclypsado, renome de incorruptiveis.»

Que Deus permitta não tenhamos de lêr, pouco mais ou menos, as mesmas palavras, na imprensa franceza, quando chegue o occaso da presidencia Sadi Carnot.

CATUMBELLA

A nossa gravura da pag. 288, copia de uma photographia do sr. Moraes, um distincto photographo que tem realisado o album mais completo de vistas da Africa Occidental, representa uma vista de Catumbella, povoação africana que tira o seu nome do rio que nasce proximo de Caconda, e corre em apertada garganta formada por extensas e elevadas montanhas.

Catumbella está situada em 12°21' latitude Sul, e 13°27' longitude Este, distante cerca de doze kilometros do mar, e em uma planicie, na margem direita do rio Catumbella.

É povoação importante e das mais ricas do districto de Benguella, tendo dado logar ao seu estabelecimento a grande quantidade de generos do interior que afflue aquelle ponto.

Estes generos trazem-nos alli os indigenas do Bihe, Muata-Ianvo Quioco e Bailundo, indigenas que, apesar de pertencerem a tribus differentes e inimigas, não se guerreiam e só buscam fazer o seu commercio com os europeus.

As casas commerciaes mais importantes de Catumbella são as dos srs. João Ferreira Gonçalves, Bensaude & C.ª, J. C. de Azevedo & C.ª e Moraes Cardozo.

Em Catumbella tem-se feito ultimamente alguns melhoramentos publicos, e entre estes o de uma linha telegraphica e outra telephonica, ligando a povoação com Benguella.

OS IRMÃOS ANDRADES

I

O Occidente publica hoje os retratos d'esses dois illustres artistas portuguezes Antonio e Francisco d'Andrade, que tão brilhante e gloriosamente têm honrado a arte nacional, nos principaes theatros lyricos da Europa.

Antonio e Francisco d'Andrade são para nós mais do que dois grandes artistas, são dois portuguezes benemeritos, que fazem conhecido e glorioso, lá fora, o nome de Portugal.

Em todos os paizes ha sempre este grande sentimento de vaidade nacional, que faz apreciar muito mais as glorias proprias do que as alheias, ha sempre uma especie de reconhecimento patriotico, para com aquelles patricios illustres, que honram e glorificam o nome da patria.

Entre nós infelizmente não se dá o mesmo caso e na grande maioria, para Portugal, melhor do que para nenhum outro paiz é verdadeiro o dictado de *que ninguem é propheta na sua terra*, e o ser-se portuguez em vez de uma vantagem para qualquer artista ou para qualquer homem de lettras, é sempre um obstaculo a vencer.

E é por isto que entre todos os triumphos brilhantes alcançados por Antonio e Francisco d'Andrade na sua radiante carreira artistica, entre todas as suas noites de gloria figura, em primeiro logar, o triumpho alcançado em Lisboa, essa victoria enorme que alcançaram no palco de S. Carlos sendo portuguezes.

É triste confessar-se este nosso feitio especial, mas é o nosso feitio.

Todos nós ouvimos em Lisboa o Gayarre e o Massini; e creio que para todos é indiscutivel a superioridade d'este sobre aquelle. Gayarre é um tenor magnifico porém Massini é um tenor unico.

Entretanto a Hespanha inteira applaudindo muito o Massini põe acima d'elle e de todos os tenores do mundo o Gayarre.

Porque?

Porque o Gayarre é hespanhol.

A França tem ouvido e applaudido todos os tenores mais illustres e celebres, ouviu o Massini, o incomparavel, ouviu Gayarre, mas para a França o grande tenor, *le tenor ideal, le charmeur par excellence* é Talazac.

Porque?

Porque o Talazac é francez.

A Suecia teve um tenor extraordinario, um tenor excepcional, Arnold; mas nenhum theatro estrangeiro teve nunca o prazer de o ouvir: porque?

Porque os theatros da Suecia nunca o deixaram sahir para fóra da sua terra, porque para elles não havia tenor superior aquelle, que era seu compatriota.

E em toda a parte a mesma coisa.

Fallem aos italianos na Sarah Bernhardt. Elles collocam muito acima de Sarah Bernhardt a sua Pezzana, *la egregia*. Os inglezes admiram muito o Rossi e o Salvini mas para elles o grande actor é o Ivring, é o seu patricio.

Entre nós é o contrario, e quando alguem falla na parte, que, no successo dos Andrades, teve o elemento patriotico, nós encolhemos os hombros, porque sabemos perfeitamente, porque temos a certeza absoluta de que a maior difficuldade que os Andrades têm a vencer em Lisboa é o serem lisboetas, e que se Antonio de Andrade fosse estrangeiro o seu *successo* seria muito maior ainda, se Francisco de Andrade não tivesse nascido em Lisboa, seria hoje considerado pelo publico de S. Carlos como um dos primeiros barytonos do mundo, porque nenhum d'elles representou e cantou o *Rigoletto* como elle, nenhum foi tão notavel no Hoel da Dinorah, nenhum foi tão magistralmente dramatico no Barnabo da *Gioconda*.

(Continua.) *Gervasio Lobato.*

O NOSSO SUPLEMENTO

FUNCHAL

A gravura que publicamos em supplemento ao present2 numero do Occidente, e que constitue o vigesimo sexto brinde que temos offerecido aos nossos assignantes, representa um panorama da cidade do Funchal, capital da Ilha da Madeira.

O archipelago da Madeira compõe-se das ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas, descoberta a primeira em 1419, por João Gonçalves *Zarco* e Tristão Vaz Teixeira.

Acerca do descobrimento d'esta ilha conta-se a seguinte historia comprovada, que tem o seu tanto de romantica.

Um joven inglez de nome *Machim* raptou uma donzella chamada *Arfet*, em Bristol, e fugiram os dois embarcados para um dos portos da França, em 1344. Aconteceu, porém, que os ventos lhes transtornaram a viagem e que o navio, acossado, foi parar á costa de uma ilha deserta, onde os dois amantes desembarcaram com a tripulação do barco, para se refugiarem do grande temporal que fazia no mar.

O mau tempo não cessou, e o navio em que vinham garrou da amarração e foi-se mar em fóra sem que mais o vissem.

O susto e receios bem fundados que esta catastrophe produziu em todos, e muito especialmente na joven raptada, causou a morte a esta e o seu amante pouco lhe sobreviveu, sendo ambos sepultados em terra pela tripulação.

Os pobres marinheiros que se viram em tão triste situação, resolveram embarcar na lancha que os conduzira á terra e aventurarem-se á mercê das ondas, na esperança de encontrarem algum porto de abrigo habitado, que os soccoresse.

A sorte levou-os para a costa da Barberia, e o soccorro que esperavam converteu-se em escravidão, ficando captivos dos mouros.

Levados para Marrocos encontraram-se alli com outros captivos christãos, entre os quaes havia João Morales, piloto a quem elles contaram tudo que hes acontecera e de que elle tomou boa nota.

Sendo João Morales resgatado, veiu para o reino e communicou a João Gonçalves Zarco, fidalgo da casa do infante D. Henrique, o que aquelles companheiros de captiveiro lhe haviam contado.

Então D. Henrique sabendo do caso, encarregou a Zarco e a Tristão Vaz Teixeira, fidalgo tambem de sua casa, de irem á descoberta d'aquella ilha, o que se verificou no citado anno de 1419, no mez de junho.

A primeira ilha que avistaram foi a de Porto Santo, já descoberta, havia dois annos, ao que parece, por Bartholomeu Perestrello, ou pelo proprio João Gonçalves Zarco, que se diz a ella ter arribado em outra viagem, e encontrado bom abrigo, de que resultou o pôr-lhe o nome de *Porto Santo* ou de *Salvação*.

D'esta ilha avistaram no horisonte um negrume, que até então não fôra reconhecido por terra, mas que animados pelas informações que tinham, se resolveram a aproar para reconhecerem o que seria.

Em breve descobriram os pincaros de altérosas montanhas que se levantavam d'entre o Oceano, cobertas de frondosos arvoredos em floresta cerrada, e de tão agradavel aspecto que mais não podia ser.

Approximando-se, procuraram saltar em terra e assim o realisaram, apartando-se cada qual para seu lado, em reconhecimento da terra, que logo entenderam ser uma grande ilha.

Foi então que um d'elles deu com a sepultura dos jovens amantes, e no logar onde a acharam, lhe ficou o nome de *Machim*, que ainda hoje conserva transformado em *Machico*.

As florestas, onde abundavam preciosas madeiras, suggeriram aos descobridores a idéa de darem áquella ilha o nome de *Madeira* que lhe ficou.

Feito o reconhecimento voltaram ao reino a participarem a nova a D. Henrique, que os premiou, dividindo a ilha em duas capitanias e doando-as aos dois descobridores.

Coube a parte meridional a Zarco, o qual, mudando o nome em *Camara*, foi o primeiro tronco da familia d'este nome n'esta ilha, e na qual encontramos os Marquezes de Castello Melhor, da Taipa, Ponta Delgada, etc.

A parte norte e alguma cousa da parte sul coube a Tristão Vaz Teixeira.

Dada esta idéa geral sobre a descoberta da *Madeira*, e para não tornar demasiado longo este artigo, que o espaço nos obriga a resumir, trataremos agora da cidade do Funchal, que faz o assumpto da nossa gravura, reservando o dar mais algumas noticias d'esta ilha á maneira que fôrmos publicando mais algumas vistas dos seus pontos.

A cidade do Funchal está situada ao sul da ilha e junto ao mar, tendo uma bahia abrigada dos ventos, á excepção do vento sul, que produz em geral grandes temporaes n'aquelle porto.

A sua posição geographica está em latitude N. 32°38' longitude O. de Paris, e 19°16' e 7°48 a SO. do meridiano de Lisboa.

A disposição da cidade, parte sobre a pequena planicie á beira mar, e outra parte elevando-se pelas encostas dos montes, é do mais bello effeito para quem a vê do mar, apresentando uma vista das mais pittorescas que os olhos podem ambicionar.

Não é opulenta em edificios grandiosos ou obras d'arte; ressente-se dos tempos em que foi edificada e as suas ruas são estreitas, mas muito aceiadas.

Os seus edificios mais notaveis são: a Sé, o palacio do governador e o do commadante da subdivisão militar, o collegio que pertenceu aos jesuitas, a egreja da Senhora do Monte e a alfandega.

A cidade divide se em quatro freguezias, com cerca de 22:000 habitantes, contando os dos seus suburbios, e aproximadamente 7:000 fogos.

Todos sabem do magnifico clima que ha na *Madeira*, o que reunido á fertilidade do seu solo, lhes permitte a cultura de todas as especies que se dão tanto nos paizes frios como nos paizes quentes. A excellencia dos seus vinhos é conhecida em todo o mundo, e a sua variada agricultura constitue a sua maior riqueza.

Os inglezes teem uma particular predilecção por esta ilha, e teem n'ella uma colonia importante e que faz o principal commercio.

Sendo terra tão naturalmente rica, é todavia certo que a sua emigração é grande, e que este facto, apesar de ter preoccupado os poderes publicos, ainda não se poude remediar de modo satisfatorio.

O seu estado de hoje é menos florescente que em outras epochas, não obstante ser a ilha da Madeira uma das mais prosperas, comparada com as ilhas do archipelago Açoriano.

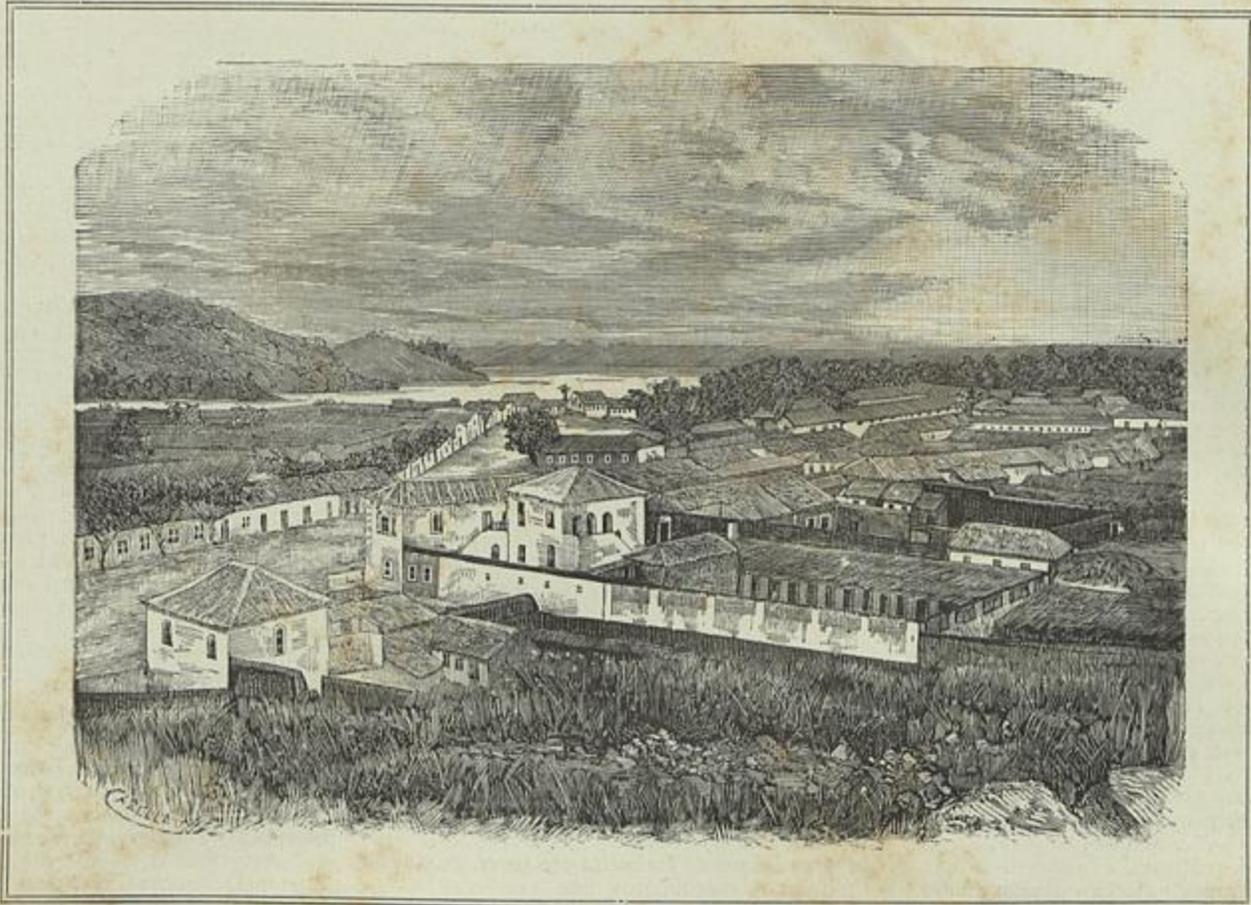
Ultimamente determinou-se tratar de obras no seu porto, e é de esperar que estas e outros melhoramentos de que carece, concorrerão para o engradecimento do Funchal a que tem tão justo direito.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XXV

No dia 21 de janeiro de 1887 correu em Lisboa a noticia de que Fontes estava ligeiramente incommodado, e logo no dia seguinte ás 6 horas da tarde correu a sinistra noticia de que Fontes fallecera. Ninguem a acreditava, parecia impossivel a todos que um homem cheio de vida e de vigor succumbisse de um momento para o outro. Era porém infelizmente verdadeira a noticia, e a impressão que em Lisboa causou foi espantosa. Conheceu-se então o que era a popularidade do grande homem. Muitos suppunham que elle era impopular, porque não cortejava a turba, e porque a turba o não acclamava, e porque as revistas do anno e os jornaes burlescos o caricaturavam á porfia. Mas essa popularidade ephemera de que as turbas rodeiam os seus idolos de um dia, de nada valem quando vem a morte restabelecer o justo equilibrio, e distribuir com justiça as corôas e os vilipendios. Esses que a turba levou em triumpho não teem nem um só cortezão que os acompanhe no seu prestito funebre, e, se por acaso tiveram a felicidade de morrer no meio da excitação ephemera que produziram, não tarda que a posteridade arrependida de uma hora de desvario lhes faça expiar o seu triumpho posthumo. As cinzas de Marat arrastadas do Pantheon para as gemonias são o exemplo frisante d'essas vinganças do bom senso.

Mas Fontes tinha o respeito da multidão e o povo estimava-o como estima os altos caracteres, e os grandes vultos. Apenas elle morreu, manifestou-se desde logo essa espontanea justiça, e a turba que entrava commovida no quarto funebre, a multidão que o acompanhou depois á sua ultima morada, que ouviu com sympathia profunda os discursos que sobre o seu tumulo se proferiram, deram prova eloquente do amor que um povo inteiro lhe votava.

Hoje a sua memoria vae-se tornando cada dia mais luminosa, e a saudade, longe de diminuir com o tempo, vae-se tornando cada vez mais pungente. O vacuo immenso que elle deixou na sociedade portugueza não se mediu bem n'aquelle instante; mas reconhece-se agora. Era um elemento ponderador da politica portugueza. Como todos os homens verdadeiramente notaveis na politica, fazia sentir a sua influencia, quer estivesse no governo, quer estivesse na opposição.

AFRICA PORTUGUEZA — UMA VISTA DE CATUMBELLA (Segundo uma photographia de Moraes)

A sua auctoridade moral a todos se impunha. Como os francezes dizem, estava *hors de pair*. A estatua, que se lhe vae levantar em plena Avenida, no coração de Lisboa, representa mais do que um acto de justiça, representa como que uma necessidade do espirito publico. Diz-se que os indios muitas vezes iam ajoelhar deante do tumulo de Affonso de Albuquerque a implorar-lhe justiça. Diante da estatua de Fontes muitas vezes hão de parar os homens que andam envoltos no turbilhão da politica a implorar-lhe que illumine com um raio da sua rasão a louca treva em que nos agitamos.

XXVI

O que tornou Fontes Pereira de Mello acima de tudo notavel? O seu talento de orador? Sem duvida poucos parlamentares tiveram no nosso tempo palavra tão acerada, tão vibrante, tão facil. Era eximio na esgrima parlamentar, a palavra era para elle a um tempo uma espada e um escudo, ou antes era um florete nas mãos de um habil duellista. Quando cahia a fundo sobre o adversario, e que este, furioso com a dôr da ferida, e suppondo-o descoberto, lhe atirava um golpe, já o encontrava em guarda, prompto na parada. Mas emfim, não foi elle o unico orador verdadeiramente notavel. Pela amplidão das suas reformas, pela grandiosidade do seu pensamento? Sem duvida Fontes teve a gloria de realisar a transformação economica do seu paiz. Raros estadistas deram a Portugal um tão vigoroso impulso civilisador. Mas tambem tivemos os grandes reformadores de 1834. Pelas suas altas qualidades sociaes, pelo seu espirito de conversador que o tinha e muito? Na verdade não havia homem de mais fino trato, e que em mais alto grau tivesse os talentos de um homem de sala, e até, o que só depois da sua morte se soube, era finissimo poeta. Mas no Portugal do nosso tempo houve outros homens que tiveram em grau não inferior esses notaveis predicados.

Não; o que tornava Fontes um homem verdadeiramente superior era o conjuncto de todas essas qualidades, que faziam d'elle verdadeiramente um mestre na difficillima sciencia do governo. Todas as qualidades, que elle possuia, convergiam para esse fim. Reformador audaz e intelligente, orador brilhantissimo, homem pessoalmente encantador, de todos esses raros predicados se servia para a arte suprema de governar os homens. Sabia transformar o seu paiz sem crear os attritos que inutilisaram na politica pratica o genio de Passos Manuel; sabia, como ninguem, servir-se do seu talento oratorio, mas nunca se deixava arrastar pela paixão da palavra, e os triumphos oratorios foram para elle sempre um meio e não um fim; sabia exercer quando queria o seu prestigio pessoal, e ao mesmo tempo pôr um muro de gelo entre si proprio e as familiaridades que podiam attenuar, ainda que ao de leve, o respeito que a todos inspirava.

Por isso a politica teve n'elle um mestre inimitavel, e perdeu-se o segredo da habilidade com que sabia dirigir, por entre milhares de escolhos, a sua barca triumphante. É curioso ver os que procuram imital-o julgar que lhe apanharam os processos. Sabia captivar os adversarios concedendo-lhes uns favores que os amaciavam? Pois captivemos os adversarios. Soubera encher a administração de amigos que lhe eram dedicados? Pois introduzâmos na administração todos os nossos amigos. Vêem depois com estranha surpreza que tudo lhes dá resultados inversos. São como aquelle jumento da fabula, que, imitando as caricias do cão favorito do dono, julgava obter igual recompensa, e com surpreza, em vez de carinhos, apanhava uma sova. É que só elle tinha a arte suprema de combinar a rigidez inquebrantavel com a malleabilidade, a energia na lucta com a condescendencia que prepara as treguas, o espirito reformador com a suavisação das feridas causadas pelas reformas, tudo emfim o que constitue essa sciencia de governo, que é a mais difficil de todas, porque aquelle que pretende possuil-a tem de conhecer a fundo os negocios e de conhecer a fundo os homens.

Por isso, na lista dos eminentes estadistas do nosso seculo, tem de numerar-se Fontes, como entre os eminentes estadistas do seculo XVIII se conta o marquez de Pombal. Ministro de um rei absoluto, quebrando todos os obstaculos, Pombal pôde transformar de um modo radicalissimo a organisação da sociedade portugueza, mas Fontes Pereira de Mello, tendo de governar no meio das nossas modernas e tumultuosas democracias, e imprimindo apesar d'isso na civilisação do seu paiz o cunho potente do seu genio, dispendeu uma somma de talento, de habilidade, de conhecimento dos homens, de conhecimento dos factos, que lhe dá direito a ter o seu nome inscripto ao lado dos de Bismark ou de Thiers, de Cavour ou de Canovas, que só foram maiores porque manejavam mais importantes interesses, e manobravam em mais vasto campo.

Pinheiro Chagas.

Aos nossos Assignantes

É com verdadeira satisfação que concluimos o decimo volume do OCCIDENTE, e relanciamos a vista pelos dez annos decorridos que, se para nós representam um trabalho assiduo atravez das maiores difficuldades, tambem nos dão a gloria de termos vencido essas difficuldades, conseguindo dotar o paiz com uma illustração genuinamente portugueza, que vae archivando em suas paginas com a penna, com o lapis e com o buril a historia dos nossos dias.

De nada, porém, valeriam os nossos esforços, se os nossos numerosos assignantes nos não auxiliassem n'esta difficil empreza, e por isso nos cumpre agradecer a elles e a todos que nos tem coadjuvado para bem proseguirmos na nossa missão.

É ainda confiados n'essa protecção e na justeza e sinceridade das nossas intenções, que vamos proseguir no decimo primeiro anno de publicação, continuando no mesmo programma patriotico e civilisador, de animar e desenvolver quanto possivel a litteratura e a arte nacionaes.

A EMPREZA.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa